

Entre a orelha de Van Gogh e os olhos da cara



MARCELLO SACCO
JORNALISTA ITALIANO
FREELANCER

Uma das primeiras cenas de *Basquiat*, o filme biográfico que o pintor Julian Schnabel, estreando-se no cinema em 1996, dedicou ao seu amigo, artista nova-iorquino, vemos o crítico René Ricard sentado num banco dum jardim a escrever: "Toda a gente quer entrar no barco de Van Gogh... Ninguém quer fazer parte duma geração que ignore outro Van Gogh... Quando olhamos para uma pintura podemos estar a olhar para a orelha de Van Gogh." É um artigo de 1981 sobre Keith Haring e outros artistas contemporâneos e, enquanto ele o escreve, Jean-Michel Basquiat sai do caixote de papelão onde passou a noite e vai passear e grafitar pela cidade.

Schnabel continua evidentemente obcecado pela orelha de Van Gogh, pois está a rodar um *biopic* com Willem Dafoe no papel do pintor holandês. Ambos, realizador e ator, estão em Lisboa nos próximos dias, no 11.º LEFFEST. Entre outros eventos e convidados excecionais, o Lisbon & Sintra Film Festival apresenta uma retransmissão dos filmes que Schnabel entretanto realizou, mais um: *Julian Schnabel: A Private Portrait*, o documentário do italiano Pappi Corsicato que recolhe testemunhos de família, res, colecionadores e amigos famosos acerca desta original figura de artista plástico, cineasta, cozinheiro e surfista das mil facetas, mil mulheres e outros tantos filhos, todos juntos num retrato particular e geracional.

Aquela cena de *Basquiat* contém um pequeno anacronismo propostado: enquanto o crítico, capaz de enterrar ou erigir um artista aos céus, escreve e afirma o seu poder numa sociedade que não quer perder o próximo barco de Van Gogh, o novo génio incompreendido passa a noite ao relento, mesmo ali ao lado. Mas esse mesmo artigo já mencionava Jean-Michel Basquiat entre os melhores da sua geração, e o título, *The Radiant Child*, viria a ser quase nopolizado por ele, tornando-se uma espécie de alcunha pós-uma para o artista falecido no auge do sucesso, aos 27 anos (maldita idade), de uma overdose de heroína.

O que os dois filmes – o de Schnabel sobre Basquiat e o de Corsicato sobre Schnabel – contam é precisamente a história de artistas que apaixonaram o outro barco, que vinha na direção contrária ao de Van Gogh. Dá à obsessão pelo grande pintor fadado que nenhum deles foi, mas também a sensação de que tanto o barco do falhanço como o do êxito pode ir à deriva. A arte (como o amor naquela canção de mais uma que se foi aos 27 anos) *is a losing game*.

Nos mesmos anos em que Ricard escrevia e impunha os seus autores no mercado, o crítico italiano Achille Bonito Oliva teorizava que já não havia espaço para Van Goghs neste mundo, porque a obra de arte era o próprio mercado, com a sua capacidade de reconhecer e premiar talentos. Uma espécie de jaula autorreferencial em que o artista é artista por que é identificado como tal e o golpe de asa está nas mãos de quem o sabe reconhecer e não permitir que outro génio passe a vida sem vender um quadro, mas sim que os venda todos pelos olhos da cara e pare de automutilar orelhas.

Outra cena de *Basquiat* mostra o pintor já fora da jaula onde era apertado, levar uma monumental sova de um grupo de marmangos a quem se apresentara como autor dos *graffiti* que durante anos, de facto, assinou como SAMO.

Pappi Corsicato, que em Itália surgiu como uma espécie de Almodóvar napolitano, mas com um percurso internacional que revela uma personalidade curiosa e onívorã, amigo pessoal, entre outros, dos irmãos Coen, dá por acaso o seu nome ao gerente italo-americano do bar em que se exibem os vários cantores *folk* de *A propósito de Lewyn Davis*, filme genial dos Coen sobre a banalidade do génio. Por aquele bar passaram cantores muito similares. Alguns receberam aplausos, outros apupos, um deles é uma imitação subtil e clara de Bob Dylan. Lewyn Davis faz parte do grupo, mas não tem onde cair morto.

Numa das casas onde consegue dormir, descobre por acaso que o anti-trião também compõe e tem uma prateleira cheia de discos que ninguém lhe compra. São as consequências da criatividade difusa. Também para ele, no final, sobra uma sova monumental.



FERREIRA FERNANDES
JORNALISTA

UM PONTO É TUDO
A única religião com Olimpo para todos

Do que mais gosto no futebol é a sua democracia. Quer dizer, o que o marca não é só a universalidade dos seus adeptos, mas a diversidade dos seus melhores praticantes. Se poucos acabam por ser os escolhidos, a nenhum miúdo de 8 anos é retirada a ilusão de um dia, quem sabe... Porque deuses do futebol podem ser gordinhos sem peçoço, como Maradona, com as pernas tortas de Garrincha ou o único pé de Messi. É raro um desporto em que o corpo não é uma posição. Repito, o futebol é democratico. Até um jogador simplesmente razoável, mas não mais, como o nosso querido Eder pode protagonizar não um acontecimento internacional histórico, mas dois. O primeiro está na nossa galeria de ex-miúdos ilustres e adultos, enfim, satisfeitos – o golo que nos fez campeões europeus.

Aliás, momento em que Eder foi pessoalmente ele, a carinhoso da baliza fez três toques desajeitados, até à glória coletiva. Agora, o jornal inglês *Mirror* (sobre o pelo nosso *O Jogo*) diz que foi Eder quem iniciou a histórica não ida da Itália a um Mundial, com 60 anos de nutricao visto! Em 2015, num jogo particular Itália-Portugal, Eder marcou a nossa vitória (0-1), o que levou as estatísticas da FIFA a rebaixar os italianos do pote 1 para o 2, nos grupos para o apuramento do Mundial. E isso foi fatal, como agora se consumou. Volto à minha: a pesquisa que levou a esta descoberta só foi possível porque (apostoi) o jornalista inglês, aos 8 anos, gordinho e caixa-de-óculos, sonhou que talvez ele, um dia... O futebol é grande.

joan miró
MATERIALIDADE E METAMORFOSE
08 JAN 2018
PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA, LISBOA

the guardian
'One of the 10 Best new Art Exhibitions in Europe for autumn 17'

REPÚBLICA PORTUGUESA
PATRIMÓNIO CULTURAL
SERRAVES
Apoio Institucional LUSITANIA SECURIOS